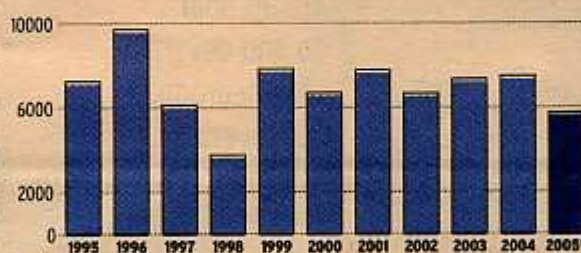


Valores

O sector do vinho e os seus aparentes equívocos

O sector do vinho vive aparentemente debaixo do efeito perverso de uma série de equívocos. O primeiro terá sido a contratação de Michael Porter para produzir um estudo sobre o sector. Lembrando os pareceres jurídicos que, salvo raríssimas e honrosas excepções, dão sempre razão a quem os pede (e paga, presume-se), o economista 'vendeu' aos produtores que o vinho poderia ser um 'cluster'. Isto numa altura em que já se sabia que os mercados mundiais estavam inundados pelos vinhos chilenos, argentinos, sul-africanos, australianos e o que mais popula nas prateleiras dos hiper-mercados do mundo inteiro - onde os vinhos portugueses entram normalmente na categoria 'outros', ou, quando têm sorte, se encontram sob a designação 'Espanha'.

PORDUÇÃO DE VINHO NOS ÚLTIMOS DEZ ANOS



Valores de produção em mil hectolitros *dado previsional Fontes: IVV e INE

Depois, o economista explicou que os mercados a priorizar pelos produtores nacionais seriam, em termos de exportações, o dos Estados Unidos e do Reino Unido. Nem de propósito: um é pago em dólares - o que aparentemente vem suce-

dendo há já algum tempo - e o outro em libras, que desgraçadamente não entrou na zona de influência do euro. Ou seja, os produtores nacionais, passado um primeiro período de euforia dos mercados em relação à nova moeda, recebem menos pelo vinho exportado, por razões cambiais.

Por último - e este facto é talvez menos conhecido - os vinhos nacionais são mais baratos em Paris, Londres ou qualquer cidade europeia que em Portugal - e não estamos a referir os exageros, alguns quase imorais, da restauração. É no mercado interno que os produtores conseguem melhores margens, uma vez que não só praticam preços mais altos, como não incorporam o factor transporte na constituição das margens. **António Freitas de Sousa**